

Imaginário, memória e arquétipos

Imaginary, Memory and Archetypes

Francisco Antonio Pereira Fialho¹
Denise Maria Bezerra²

DOI: 10.19177/memorare.v7e3202015-27

Resumo: O artigo explora a ideia do imaginário como cultura e apresenta os pensamentos da Escola de Grenoble como uma nova forma de se fazer ciência. As hermenêuticas indo além das fenomenologias. O mito como base para as narrativas levando a uma mitanálise. Os arquétipos por detrás dos mitos. Explora-se enfim o conceito de bacia semântica como uma das formas de se produzir conhecimento.

Palavras-chave: Imaginário. Mitodologia. Arquétipo.

Abstract: The article explores the idea of the imaginary as a culture and presents the thoughts of the School of Grenoble as a new way of doing science. Hermeneutics going beyond phenomenologies. Myth as the basis for narratives leading to a mythanalysis. The archetypes behind the myths. Finally, the concept of the semantic basin is explored as one of the ways of producing knowledge.

Keywords: Imaginary. Mythodology. Archetype.

¹ Professor Titular da UFSC. Líder do Núcleo de Pesquisas em Complexidade e Cognição – NUCOG e do Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência – NEDECC. E-mail: fapfialho@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC – UFSC). E-mail: denisebezerra9@hotmail.com

1 Eranos e Escola de Grenoble

O SONHO é noturno, permanece sobrecarregado das paixões mal vividas na vida diurna. Pertence ao ANIMUS.
(Gaston Bachelard)

A ciência como a entendemos hoje tem seus fundamentos em três movimentos no início do século XX: O Círculo de Viena; A Escola de Frankfurt; e Eranos. O *Wiener Kreis* recebeu esse nome porque se originou em um grupo de filósofos que se reuniam na Universidade de Viena entre os anos 1922 e 1936 sob a tutela de Moritz Schlick. Seu sistema filosófico ficou conhecido como Positivismo Lógico ou Neopositivismo. Só a lógica e a matemática seriam capazes de auxiliar na formação dos enunciados científicos e garantir a sua verificabilidade com base na observação ou experimentação. A partir de casos particulares se buscava enunciados universais.

Com base em Wittgenstein (2001), o mundo seria composto de “fatos” atômicos e os enunciados gerais poderiam ser decompostos em enunciados elementares. O método era, portanto, a indução.

O sonho de se encontrar verdades universais se esvai diante do Teorema de Kurt Gödel que demonstra que, qualquer que seja a matemática, existiriam teoremas não verificáveis. Nesse caso, duas novas matemáticas surgiriam. Uma em que o teorema deixaria de ser verdadeiro e outro em que seria falso. O drama é explorado no livro “The End of Science” (HORGAN, 1996). De fato, a partir de Gödel, a ciência deixaria de ser a busca pela verdade e passaria a se ajustar ao pragmatismo de William James, que fala de verdades transitórias e de modelos que são bons enquanto novos fatos não os venham desafiar.

A *Escola de Frankfurt* foi fundada por Felix Weil em 3 de fevereiro de 1923 e consistia, inicialmente, de cientistas influenciados pelas teorias de Karl Marx. Os nomes mais importantes desta escola são: Theodor Adorno; Max Horkheimer, Erich Fromm e Herbert Marcuse. Em contraponto ao Círculo de Viena apresentavam uma visão antipositivista com o uso da psicanálise e da filosofia existencialista. A partir da década de 1960, a teoria crítica da Escola de Frankfurt passou a ser guiada pelo trabalho de Habermas com sua teoria da ação comunicativa.

Eranos surge em Ascona, na Suíça, na casa de Olga Froebe-Kapteyn, em 1933. Participaram nomes como Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard, Henry Corbin, Mircea Eliade, Niels Bohr e muitos outros. Gilbert Durand menciona ter tido a honra de ser introduzido por Corbin nesse grupo em que “todos estão inspirados pela convicção platônica em um realismo primordial da imagem, no valor querigmático³ do mito” (DURAND, 1993, p. 13).

A palavra *Eranos* significa banquete. Físicos, psiquiatras, historiadores, religiosos e artistas compartilhavam seus saberes em encontros que duravam oito dias num movimento que hoje denominamos de transdisciplinar. As conferências ocorreram anualmente e se prolongam até os dias de hoje (com uma interrupção para reformas do espaço). Unia ciência, espiritualidade, filosofia e arte.

³ Querigmático refere-se aos trechos da tradição oral encontrados no Novo Testamento; se relaciona aos textos que expressam uma forma de adoração religiosa ou trazem os ensinamentos de Jesus Cristo.

Lá surgiram as “psicologias profundas”, os estudos com religiões comparadas, as hermenêuticas interpretativas e o que importa para este artigo: a Escola de Grenoble.

1.1 O pensamento da Escola de Grenoble

Tentando integrar razão à imaginação se diz que o imaginário é a imagem que uma sociedade faz de si mesma. Conforme citado em Badia e Carvalho (2010)⁴, temos:

Paula Carvalho afirma que toda abordagem do real só pode ser feita pela mediação simbólica, ou seja, pelos sistemas e práticas simbólicas e, assim, esse universo das formas simbólicas organiza o real social como cultura... Esse é o conceito ampliado de educação no qual, entretanto, a educação em sentido estrito é a prática simbólica basal de sutura das demais práticas simbólicas. Daí emerge, na Escola de Grenoble (Badia, 1999)⁵, a noção de imaginário como cultura (BADIA; CARVALHO, 2010, p. 68).

Somos na linguagem. A partir de cerca de dois anos de idade, a criança vai saindo da fase sensório motora e penetra no mundo do símbolo, no mundo da linguagem. A cultura é, também, linguagem. Narrativas muitas vezes contraditórias se chocam ou se complementam. Educar seria isso. Absorver essas diferentes narrativas suturando os recortes e fazendo escolhas.

A Escola Durandiana entende que o imaginário seja a referência última de toda a produção humana através da sua manifestação discursiva, o mito, e sustenta que o pensamento humano se move segundo quadros míticos. Para Durand (1993), “sempre reinou uma extrema confusão nos termos relativos ao imaginário”, tais como “imagem”, “mito”, “símbolo”, “parábola” dentre outros, talvez em função da desvalorização que a imaginação sofreu no pensamento ocidental. O autor explica que a consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo, uma direta e outra indireta. Na forma direta, a própria coisa se faz presente pela percepção, sensação ou pelo espírito. Já na forma indireta, precisamos da imagem para representar a coisa, como por exemplo, trazer uma recordação da infância à memória (DURAND, 1993, p. 7).

O símbolo nos serve como um sinal que aponta para a presença do objeto representado. Nas palavras de Durand, “é mais rápido desenhar numa etiqueta um crânio estilizado e duas tíbias cruzadas do que explicitar o complicado processo através do qual o cianeto de potássio destrói a vida” (DURAND, 1993, p. 8).

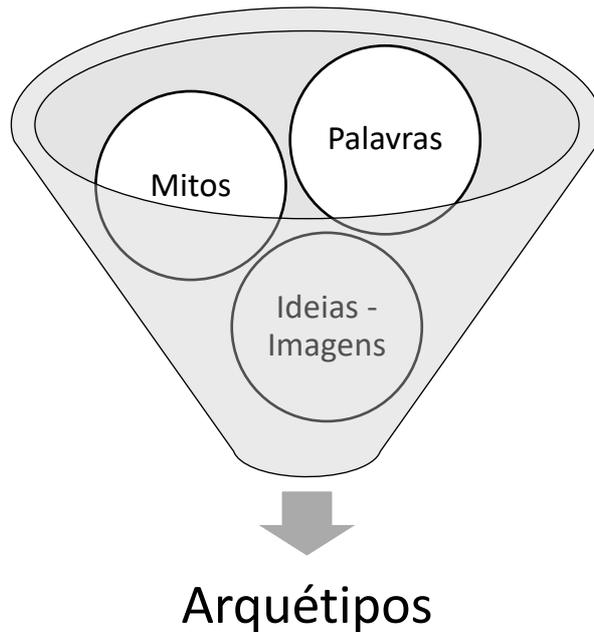
O que está em jogo na hermenêutica simbólica de Durand é um mundo imaginal como lugar de habitação, domicílio, pousada. O autor procura demonstrar as constantes do imaginário criando uma arquetipologia geral.

Jung fala em inconsciente coletivo e nos traz o conceito de arquétipos, enquanto padrões universais. O mito utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. Os mitos descrevem as diversas – e, por vezes, dramáticas – irrupções do sagrado ou simplesmente a sobrenaturalidade.

⁴ SILVA, M.; VALDEMARIN, VT. (Orgs.). **Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 134 p. ISBN 978-85- 7983-129-4. Available from SciELO Books

⁵ BADIA, D. D. **Imaginário e ação cultural**: as contribuições de G. Durand e da Escola de Grenoble. Londrina: UEL, 1999.

Figura 1 – Tudo se origina do Inconsciente Coletivo onde residem os arquétipos



Fonte: Os autores.

A imagem aqui é vista como símbolo intermediário entre o mundo manifesto da consciência e o mundo inconfessável do inconsciente, não apenas constituído por conteúdos reprimidos (inconsciente pessoal), como dizia Freud, e sim arquetípicos (inconsciente coletivo), a partir dos estudos de Jung. O símbolo jaz adormecido e é despertado (quando um arquétipo é constelado). O processo é sempre de dentro para fora e não de fora para dentro. É o inconsciente coletivo que produz o consciente e não o contrário.

Já a distinção entre símbolo e alegoria é assim descrita por Corbin (1998):

Alegoria é uma operação racional, não implicando transição para um novo plano de ser ou para uma nova profundidade de consciência; é uma figuração em um nível idêntico de filiação, do que pode muito bem ser conhecido de uma maneira diferente. O símbolo anuncia um plano de consciência distinto daquele da evidência racional; é a "cifra" de um mistério, o único meio de dizer algo que não pode ser apreendido de nenhuma outra maneira; um símbolo nunca é "explicado" de uma vez por todas, mas deve ser decifrado repetidas vezes, assim como uma partitura nunca é decifrada de uma vez por todas, mas exige uma execução sempre nova (CORBIN, 1998, p. 14).

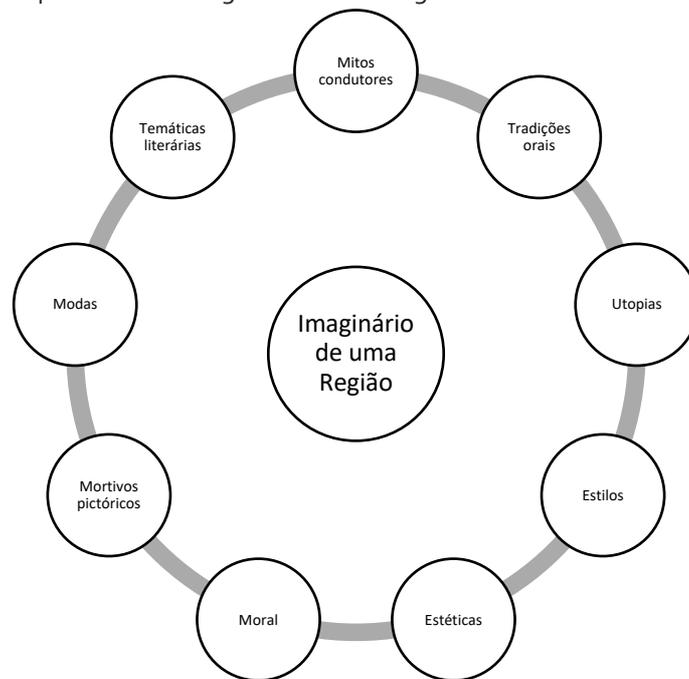
Vestimos um arquétipo por diferentes imagens que vão depender do tempo e do espaço, do significado em cada uma das culturas. Aprender é lembrar. Compartilhamos experiências e essas acordam memórias adormecidas. Estamos falando aqui daquilo que Durand denomina por Antropologia Profunda.

2 Bacia semântica. Imagem e imaginário

O devaneio é diurno, é um estado de alma. Ajuda a alma a gozar do seu repouso, a gozar de uma unidade fácil. O devaneio "poetiza" o sonhador. Pertence a ANIMA. A memória sonha, o devaneio lembra.
(Gaston Bachelard)

Gilbert Durand utiliza a imagem da bacia semântica (ideia inspirada no conceito de inconsciente coletivo, de Jung) para indicar como as pequenas coisas vão gerar as coisas mais importantes. “A inundação acaba por originar o rio embaixo do vale, rio que vamos nomear, que vamos canalizar, e que vai, finalmente, perder-se no delta, depois se lançar no mar até que um novo ciclo recomeça” (MAFFESOLI, 2004, p. 24).

Figura 2: Categorias para pesquisa sobre o imaginário de uma região



Fonte: Os autores

Para Durand, a vantagem do uso desta metáfora é que ela ajudaria a integrar as evoluções do imaginário de uma região, seus estilos, estéticas, mitos condutores, utopias, sua moral, motivos pictóricos, modas, temáticas literárias, suas tradições orais. Esta bacia fluvial seria semelhante ao curso de um rio e o fluxo de seus afluentes, assim como uma dinâmica sócio-cultural é formada por diversas influências (afluentes) e por um curso principal, mas não necessariamente fluindo uma depois das outras.

Pode haver, e quase sempre há, uma corrente central, o leito do rio, mas a imagem é a de águas que se interpenetram continuamente, derramando-se umas sobre as outras num fluxo contínuo de interinfluências e contaminações (MOTTA, 2002).

Na visão durandiana, é a **bacia semântica** que orienta o **trajeto antropológico** de cada um na **errância** existencial. Usamos a ideia de bacias semânticas para recensear os grandes mitos que preservam o conhecimento humano. O trajeto antropológico “nada mais é do que o **imaginário**, processo do qual surgirão as imagens simbólicas ou arquetípicas, dotadas de sentidos que ultrapassam a sua natureza, uma vez que são imagens que preenchem os arquétipos” (ANAZ, 2020, p. 144).

A sistematização das imagens e do imaginário, proposta por Durand, classifica os símbolos em dois regimes de imagens, o diurno e o

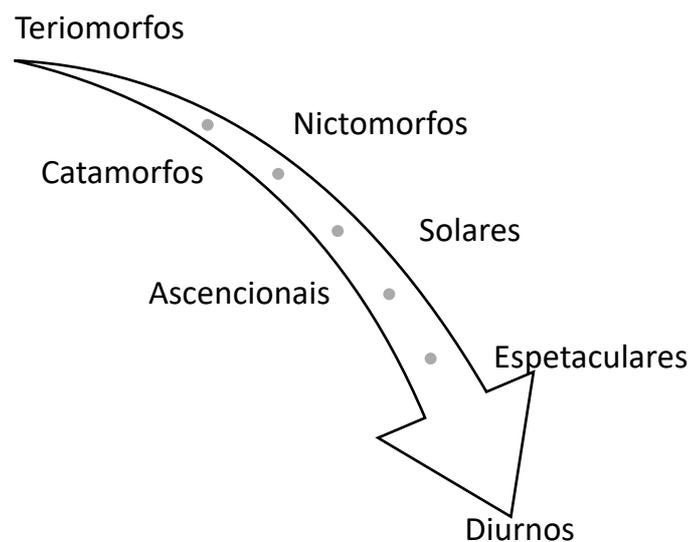
noturno. O diurno tem a ver com a “dominante postural, com a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais de elevação e purificação” (DURAND, 2012, p. 58). É o regime da antítese, tal qual a elevação é a antítese da queda que pela espada e purificações restabelece o “reino dos pensamentos transcendententes” (p. 180). São as imagens expressas pela oposição entre os grupos de símbolos classificados, de um lado, em teriomorfos, relacionados à animalidade (como os deuses egípcios com suas formas semi-humanas), nictomorfos (ligados à obscuridade, às trevas), catamorfos (vertigem e castigo, queda), e, por outro lado solares, ascensionais e espetaculares (MIGLIORINI, 2010). São exemplos de regime diurno as jornadas heróicas da luta do bem contra o mal. O monstro devorante e a queda são representados como a angústia existencial frente à passagem do tempo e a morte.

O regime noturno é caracterizado pela simbólica da intimidade, do aprofundamento e da penumbra das estruturas místicas ou pela simbólica historicizante, progressista ou cíclica das estruturas sintéticas (MIGLIORINI, 2010).

As imagens podem ser interpretadas tanto quanto diurnas ou noturnas dependendo do contexto e do significado do mesmo dentro de uma cultura.

Assim, a imagem do fogo pode ser tanto um símbolo de intimidade e de aconchego quando é o calor que aquece uma cabana ao cair da tarde (estruturação mística), quanto um símbolo diurno quando é a arma de ataque do herói contra um monstro devorador (estruturação heroica). Ou ainda um símbolo de iniciação, quando é a brasa que queima o corpo do neófito durante o ritual de passagem (estruturação sintética). (MIGLIORINI, 2010, p. 84)

Figura 4 – Classificação dos símbolos diurnos



Fonte: Os autores

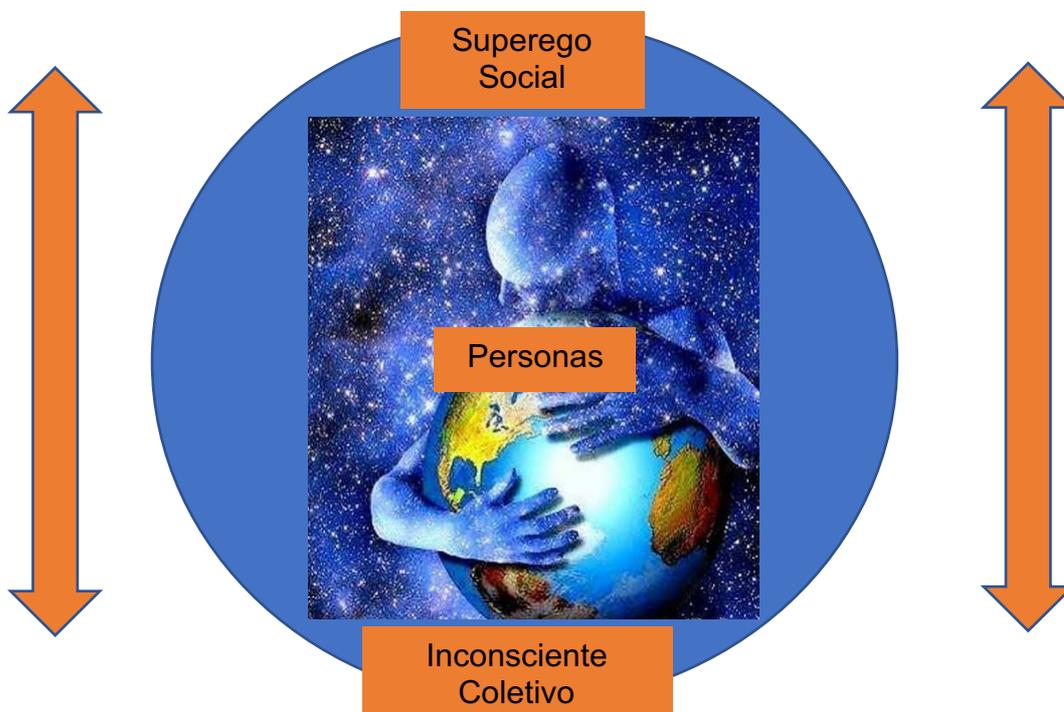
O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual. É

uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável⁶.

O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte). No imaginário há sempre desvio. No desvio há potencialidade de canonização. O imaginário explica o “eu” (parte) no “outro” (todo). Mostra como se permanece individual no grupo e grupal na cultura. (SILVA *apud* CARLE, 2013, p. 35).

O imaginário é patrimônio de grupo (tribal), a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo (CARLE, 2013).

Figura 5: Círculo Imaginário representando o conjunto de uma sociedade quando utilizamos a Hermenêutica Simbólica de Gilbert Durand



Fonte: Os autores

O Superego Social é organizando e racionalizando por meio de códigos, programas, ideologias e pedagogias. Dentro dessa sociedade navegam as personas, os actantes⁷, usando suas diferentes máscaras em função do palco em que atuam. Para compreender, no entanto, é preciso buscar, no inconsciente coletivo, os padrões, os arquétipos que estão constelados nessa sociedade.

As pedagogias geralmente se voltam para a sobrevivência desse Superego Social. Há uma tensão entre o educar para o mundo e o educar para transformar o mundo.

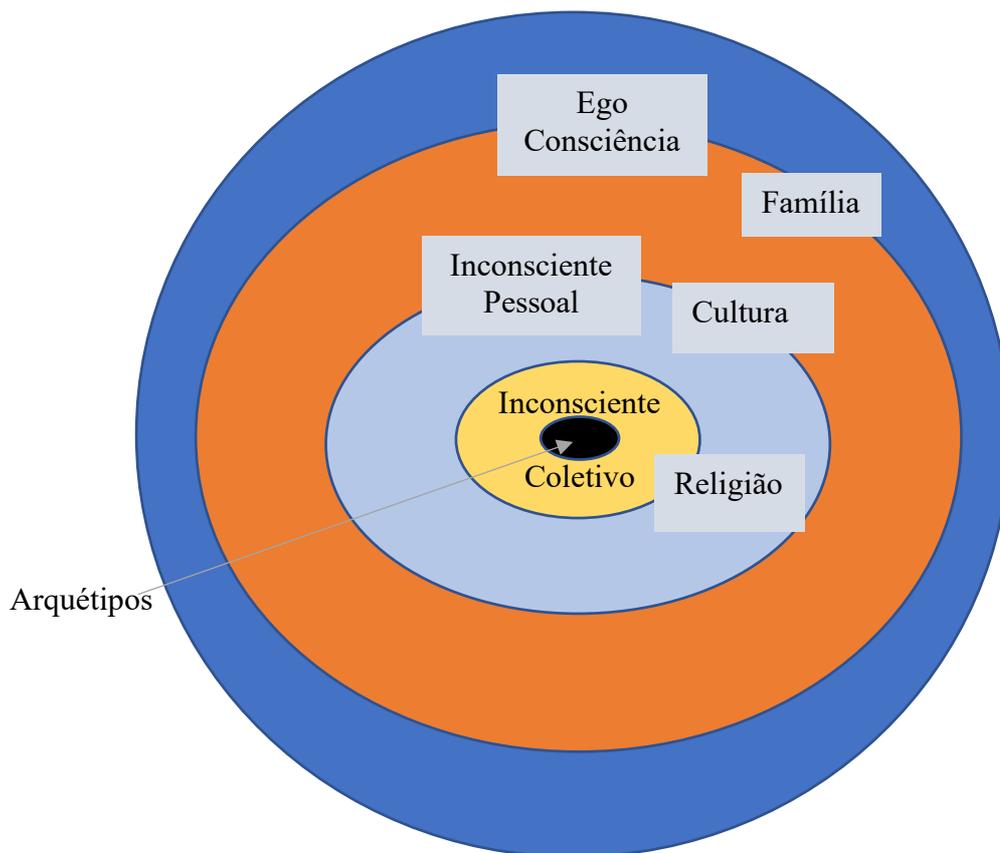
⁶ Entrevista com Michel Maffesoli concedida a Juremir Machado da Silva, em Paris, em 20/03/2001. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 15, agosto 2001.

⁷ Actante é um termo frequentemente utilizado na Semiótica e que se desenvolve no Círculo Linguístico de Praga. Originalmente foi utilizado pelo linguista francês Lucien Tesnière (1893-1954) para denotar as principais funções sintáticas (sujeito, objeto direto e objeto indireto) que dependem do verbo na sintaxe. Posteriormente o linguista lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992) o utilizará para determinar os participantes ativos (pessoas, animais ou coisas) em qualquer forma narrativa. (Wikipedia)

Persona é a máscara que se usa no jogo da vida. Como em um teatro mágico, em cada cenário temos que desempenhar um papel diferente. **Anima** é a personalidade inconsciente do homem. **Animus** é o aspecto masculino interior de uma mulher que tem a função de possibilitar a relação com o inconsciente.

O EGO Como CENTRO do CAMPO da Consciência, é apenas um fragmento, uma parte da psique, o responsável pela conservação e continuidade da personalidade. É no ego que percebemos o contraste entre a consciência e o inconsciente. O ego é confundido com o centro da psique. O centro da psique é o Self.

Figura 6: Modelo da Psyque para Jung



Fonte: Os autores

Para Jung, existe uma ligação entre os seres humanos que os unem à sua cultura e também a um passado cultural longínquo. Nesse sentido, o inconsciente não é apenas individual, mas coletivo, cultural, histórico e universal. Mais ainda, o inconsciente é percebido como “a mãe criadora da consciência. A partir do inconsciente é que se desenvolve a consciência (...)” (JUNG, 2002b, p. 120).

Para Freud, o inconsciente se forma de fora para dentro por recalques e repressões. Em Jung, tudo se processa de dentro para fora.

Conforme Maffesoli, o criador só é criador quando consegue captar o que circula na sociedade, ele

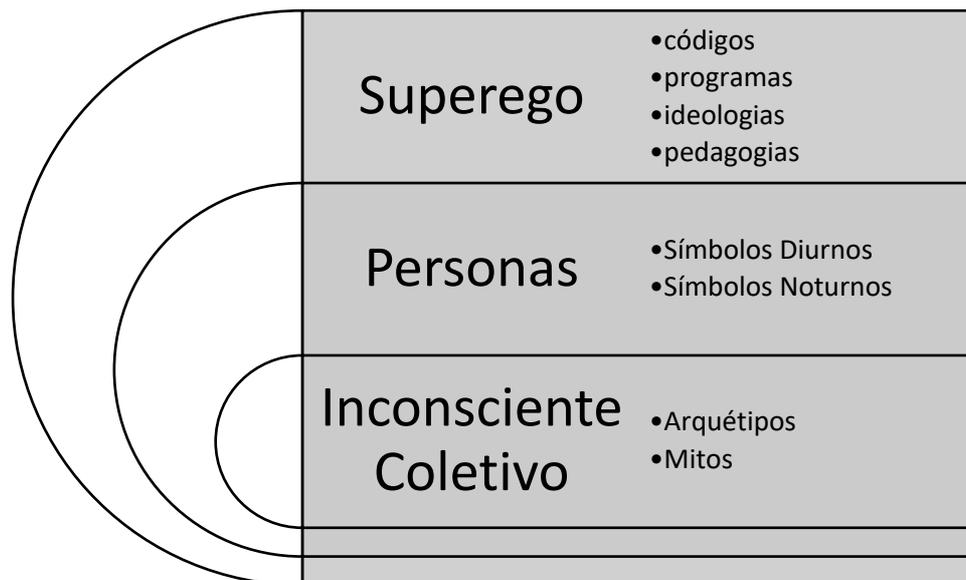
precisa corresponder a uma atmosfera. O criador dá forma ao que existe nos espíritos, ao que está aí, ao que existe de maneira in for mal ou disforme. A publicidade e o cinema lidam, por exemplo, com arquétipos.

Isso significa que o criador deve estar em sintonia com o vivido. O arquétipo só existe por que se enraíza na existência social. As sim, uma visão esquemática, manipulatória, não dá conta do real, embora tenha uma parte de verdade. A genialidade implica a capacidade de estar em sintonia com o espírito coletivo. Portanto, as tecnologias do imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários. (MAFESSOLI, 2001, p. 9).

A potencialidade semântica do símbolo assegura uma abertura para o real. René Alleau nos lembra que a “realidade não exige de nós que a reduzamos aos limites do nosso pensamento: ela nos convida antes a nos fundirmos na ausência dos seus [limites]. Assim, a palavra sempre velada do símbolo pode nos proteger do pior dos erros: o da descoberta de um sentido definitivo e último das coisas e dos seres” (ALLEAU, 1958, p. 21).

Assim, o símbolo é a fonte de todo o conhecimento humano. Desse ponto de vista, as representações epistêmicas científicas, as representações gestuais e ritualísticas, bem como as representações míticas de cada cultura nada mais são que cristalizações da potencialidade semântica inesgotável do símbolo. Então, o imaginário não é uma faculdade local do psiquismo humano, ele é a matriz de todos os processos de conhecimento. (GALVANI, 2002, p. 9-10)

Figura 7: Categorias de Análise dentro da Hermenêutica Simbólica de Gilbert Durand.



Fonte: Os autores

3 Mitodologia

A palavra foi dada ao homem para que ele esconda o seu pensamento. (Maffesoli)

Descrever uma sociedade é falar sobre os códigos que abrem as práticas para uma hermenêutica simbólica, os programas, as ideologias que enviesam as diferentes narrativas e as diferentes pedagogias a apontar para um futuro desejado. Na base de tudo se esconde o mito. Assim como o mito de Hércules ou o de Aquiles formaram a base da Paideia de formação do homem grego, quais mitos orientam, hoje, os comportamentos e as ações nas diferentes culturas?

Os participantes de nossa cultura ocidental se encontram atualmente em ressonância com o tema do retorno do mito e dos ressurgimentos das problemáticas e das visões do mundo que gravitam em torno do símbolo, na atração da qual se desdobra o mais profundo pensamento contemporâneo. Entramos, há algum tempo o que podemos chamar uma zona de alta pressão imaginária. (DURAND, 2004, p. 7).

A sociedade que observamos se cria e se recria através das imagens. Falamos aqui de um imaginário coletivo, constelado a partir dos arquétipos ativos dentro de determinada cultura. Para Maffesoli:

O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. O imaginário é uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. É um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção; um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes; uma espécie de nutriente primitivo responsável por um reservatório arcaico de imagens anteriores à cultura. (MAFFESOLI, 2011, p. 71).

Nesse espaço fundamental do eu, o imaginário é uma língua. Nós somos na linguagem. O indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação das suas regras.

O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtual. São tecnologias próprias. Não há centro na teia do imaginário. Todas as entradas desembocam na mesma altura da malha simbólica. Tudo é nó e conexão no tecido imaginal. Cada link, feito um porto, é ponto de chegada e de partida. (SILVA, 2005, p. 9).

Chega-se, aqui, à proposta de uma metodologia como método de pesquisa, caminho capaz de nos levar a compreensão dos códigos (ser orgulhoso é vício, como no Brasil, ou virtude, como nos Estados Unidos? Que mitos estão por detrás dessas crenças) e dos programas. Visão de Homem e Visão de Mundo. O mito na base de todo conhecimento.

4 Considerações finais

Se o encontro com a sombra é obra de aprendiz, o encontro com a Anima é nossa obra-prima. (Carl Gustav Jung)

Na concepção junguiana, o individual e o social, o pessoal e o universal, embora distintos, constituem pólos interligados, caracterizam um movimento inter-relacionado. No entanto, “os fatores universais sempre se apresentam em forma individual, uma consideração plena dos mesmos também produzirá um efeito individual, que não poderá ser superado por outro e muito menos pelo individualismo” (JUNG, 1978, p. 50).

Para Castoriadis (1991), “toda a vida social na complexidade das suas instituições, do seu intrincado tecido de relações, da materialidade de suas técnicas e práticas variadas, de suas múltiplas formas culturais, políticas, econômicas e, principalmente, sociais seria o produto de uma instituição imaginária... aquilo que se determina por ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos”.

“Paradigma do paradoxo, esta poderia ser a chave da compreensão do mundo em gestação. E paradoxo vamos encontrar, justamente, a partir do momento em que pensamos a relação da pessoa com a

comunidade que a envolve. A pessoa, em seu aspecto plural, só adquire sentido no contexto comunitário” (MAFFESOLI, 1994, p. 133).

A construção do imaginário individual se dá, essencialmente por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte). Maffesoli vai mais longe quando afirma que o imaginário

permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra — estátua, pintura —, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário. (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

E fica o questionamento: Como se geram e disseminam os imaginários na era da aceleração tecnológica?

Referências

- ALLEAU, René. **De la nature des symboles**. Paris, Flammarion, 1958
- ANAZ, Sílvio Antonio Luiz. A imagem e seus sentidos imanentes e transcendentos. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 49, p. 138-150, maio/agosto. 2020.
- BADIA, Denis D.; CARVALHO, José C. de Paula. A Escola de Grenoble e a cultura análise de grupos. In: SILVA, M.; VALDEMARIN, VT. (Orgs.) **Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer** [on-line]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 134 p. ISBN 978-85- 7983-129-4.
- CARLE, Cláudio Baptiste. Estudos sobre o imaginário na atmosfera de quilombos arqueológicos. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP, n. 8, dez. 2013.
- CASTORIADIS, A Criação Histórica e a Instituição da Sociedade – Conferência em Porto Alegre, 1991. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0TJ8wv8Kfvc>>. Acesso em 26 nov. 2020.
- CORBIN, Henry. **Alone with the alone: creative imagination in the Sūfism of Ibn ‘Arabi**. New Jersey: Princenton Universtity Press, 1998. 399 p.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Trad. Helder Godinho. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. **De la mitocrítica al mitoanálisis: Figuras míticas y aspectos de la obra**. Barcelona: Anthropos, México: Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 1993.

- _____. **O imaginário**: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- _____. **O retorno do mito**: introdução à mitodologia. Mitos e sociedades. Revista FAMECOS (quadrimestral) Porto Alegre: PUCRS, n. 23. abril (p. 7-21), 2004.
- GALVANI, Pascal. **A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural**. Disponível em: <www.cetrans.futuro.usp.br/galvani1.html>. Acesso em: 29 jan. 2002.
- HORGAN, John. **The End of Science: Facing The Limits Of Knowledge In The Twilight Of The Scientific Age**. Addison-Wesley Publishing Company, 1996.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião**. Vozes, 1978.
- _____. **Cartas I**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **Cartas II**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Cartas III**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. Le sens commun. In: **Société**. Revue des Sciences Humaines et Sociales – Paris: n. 46, p. 387-397, 1994.
- _____. O imaginário é uma realidade. (Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva). **Revista Famecos**, n. 15, ago. 2001.
- _____. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, abr. 2004.
- MIGLIORINI, Walter José Martins. **Imaginário e envelhecimento**: imagens simbólicas de três nonagenários. In: Paidea jan.-abr. 2010, Vol. 20, No. 45, 83-93.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **O Imaginário**: em busca de uma síntese entre o ideológico e o simbólico na análise da dinâmica sócio-cultural latino-americana. In: Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. IV, n.3, Sep/Dic, 2002.
- SILVA, M.; VALDEMARIN, VT. (Orgs.). **Pesquisa em educação**: métodos e modos de fazer [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 134 p. ISBN 978-85- 7983-129-4. Available from SciELO Books
- WITTGESTEIN, L. Wittgenstein's lectures, Cambridge, 1932-1935: from the notes of Alice Ambrose and Margaret Macdonald (edited by Alice Ambrose). New York: Prometheus Books, 2001.

Obras consultadas

- BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BADIA, D. D. **Imaginário e ação cultural**: as contribuições de G. Durand e da Escola de Grenoble. Londrina: UEL, 1999
- BIANCOLIN, Maria Mônica; FIEDLER-FERRARA Nelson. Ensino de física e o imaginário. In: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. **Atas do V ENPEC**, n. 5, 2005. ISSN 1809-5100

- CHEVALIER, Jean. Gheerbrant, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1048.PDF. Acesso em: 16 jul. 2020.
- FELINTO, Erick. Novas tecnologias, antigos mitos: apontamentos para uma definição operatória de imaginário tecnológico. **Galáxia**, n. 6, p. 165-188, out. 2003.
- FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Imaginário e re-presentação das imagens de perfil no facebook**. In: Revista Travessias. Vol 6 N. 2 – 2012 15. ed., p. 137-157.
- GALVANI, Pascal. **Quête de sens et formation: anthropologie du blason et de l'autoformation**. 1ª edição. Paris: L'Harmattan, 1997.
- MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Ensaio de antropologia. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORTIMER, Eduardo Fleury. **Linguagem e Formação de Conceitos no Ensino de Ciências**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- PIAGET, Jean. **A formação do Símbolo na Criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.
- POSNER, G.J., Strike, K.A., Hewson, P.W., Gertzog, W.A. Accomodation of a scientific conception: toward a theory of conceptual change. **Science Education**, v. 66, n. 2, p. 211-227, 1982.
- RITZMANN, Iracy Gallo; NETTO, Marinilse; OLIVEIRA, Paulo Cristiano de Oliveira; FIALHO, Francisco. A. P. **Travessias** v. 6, n. 2. 2012. (p. 137 – 157)
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes no pós-humano: da cultura das mídias às cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito**. Porto Alegre: Sulina. 2003.
- _____. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- VARELA, Francisco. **Autonomie et connaissance: essai sur le vivant**. Paris: Seuil, 1989.

Artigo enviado em: 12/03/2020. Aprovado em: 26/11/2020.